



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

EWERTON VICENTE DA SILVA

**A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
O QUE DIZEM AS PROFESSORAS**

**JOÃO PESSOA - PB
2020**

EWERTON VICENTE DA SILVA

**A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
O QUE DIZEM AS PROFESSORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de conclusão do curso de Pedagogia à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador(a): Ms. Patrícia Batista Bezerra Ramos

JOÃO PESSOA - PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Ewerton Vicente da.

A psicogênese da língua escrita no processo de
alfabetização: o que dizem as professoras / Ewerton
Vicente da Silva. - João Pessoa, 2020.
23 f. : il.

Orientação: Patrícia Batista Bezerra Ramos.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Psicogênese da língua. 2. Professores - educação
infantil. 3. Alfabetização. 4. Letramento. I. Ramos,
Patrícia Batista Bezerra. II. Título.

UFPB/BC

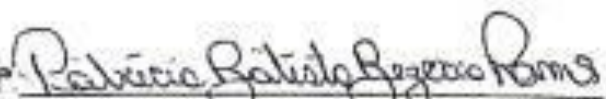
EWERTON VICENTE DA SILVA

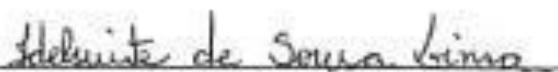
**A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia na
Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovada em: 09/ 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. 
Prof. Orientador (Ms. Patrícia Batista Bezerra Ramos)
Universidade Federal da Paraíba – EEBAS/UFPB

Prof. 
Prof. Dr.º Idelsuite de Sousa Lima
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. 
Prof. Dr.º Sabrina Grisi Pinho Alencar
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida, por me dá forças e coragem para enfrentar diariamente todas as batalhas e vencê-las.

A professora orientadora Patrícia Batista Bezerra Ramos pelo apoio, orientação e o conhecimento transmitido, além da contribuição para minha formação acadêmica.

A UFPB, aos professores e tutores que fizeram parte do meu processo de formação acadêmica ao longo dessa jornada, contribuindo para o meu conhecimento e aquisição do saber necessário que exige a profissão.

Em fim, agradeço a todos que fizeram parte dessa longa jornada e contribuíram para a realização deste sonho.

RESUMO

Abordar questões relacionadas ao processo de alfabetização e letramento faz-se necessário entender que é processo indissociáveis que devem caminhar juntos, sendo que alfabetizado é aquela criança que conhece o código escrito, sabe ler e escrever. Este trabalho, componente obrigatório do curso de Pedagogia tem como tema central a Psicogênese da Língua escrita, descrita por Emílio Ferreiro. Neste trabalho buscamos analisar a importância da psicogênese da Língua Escrita no discurso das professoras no ciclo de alfabetização, fazendo uma abordagem histórica da alfabetização no Brasil, bem como avaliar, na visão das professoras, a importância das pesquisas de Emília Ferreiro no processo de alfabetização das crianças. Buscamos por meio da pesquisa bibliográfica subsídios que enriqueceram a pesquisa e por meio de questionário semiestruturados estudamos o que as professoras dizem sobre a psicogênese da língua e como inserem este método na prática. O presente trabalho aborda os níveis estruturais de escrita proposto por Ferreiro.

Palavras-chave: Psicogênese da língua; Professores; alfabetização.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. OBJETIVOS.....	7
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3.1 - alfabetização: uma questão de métodos.....	8
3.2 – psicogênese da língua escrita: focando em como a criança aprende.....	12
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
5. ANÁLISE DE DADOS.....	17
5.1 - perfil das professoras alfabetizadoras.....	17
5.2 - conhecimento da psicogênese da língua escrita e aplicação na prática pedagógica....	18
5.3 - importância da psicogênese da língua escrita na prática docente	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “A psicogênese da Língua escrita no processo de alfabetização: o que dizem as professoras” procurará refletir sobre as contribuições dos estudos de Emília Ferreiro relacionados à Psicogênese da Língua escrita e como esse estudo está inserido nas práticas alfabetizadoras dos (as) professores (as) que trabalham no ciclo de Alfabetização, primeiro e segundo ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

A partir das observações e praticas do estágio supervisionado, muitos questionamentos na área da alfabetização começaram a me instigar e provocar alguns questionamentos: como se dá o processo de alfabetização nas séries iniciais? Que métodos os professores seguem? Dai veio à possibilidade de adentrar a fundo nas contribuições de Emília Ferreiro e estudar a Psicogênese da Língua Escrita, fazendo um paralelo com as escolas e analisar qual a importância da psicogênese da Língua Escrita no discurso das professoras no ciclo de alfabetização.

A importância desta pesquisa é justificada pelo fato do processo de alfabetização, segundo a visão de Emília Ferreiro (1996), ser uma oportunidade de recomeçar, de realizar um trabalho pedagógico voltado para a capacidade de ensinar aprendendo, mediante uma postura reflexiva. Muito se tem discutido acerca das dificuldades metodológicas encontradas pelos professores que atuam na alfabetização, destacando isto, MAGALHÃES (2015) afirma que um currículo que valorize o processo de alfabetização na perspectiva do letramento precisa possibilitar a organização de atividades e situações de leitura e escrita em contextos significativos para os estudantes.

Assim, o processo de alfabetização, a partir da década de 80, passou a refletir sobre como a criança aprende, tirando o foco dos métodos de alfabetização. É nessa perspectiva que esse estudo está baseado, em como as pesquisas sobre a alfabetização, principalmente as pesquisas de Emília Ferreiro, trouxeram reflexões para os (as) docentes no planejamento das atividades de alfabetização das crianças.

Abordar questões relacionadas ao processo de alfabetização e letramento faz-se necessário entender que é processo indissociáveis que devem caminhar juntos, sendo que alfabetizada é aquela criança que conhece o código escrito, sabe ler e escrever.

As formas tradicionais de alfabetização inicial consistem num método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos. Porém, muitos desses professores não está capacitado para compreender algumas dificuldades que a criança enfrenta antes de entender o verdadeiro sentido da leitura e escrita. Na aprendizagem inicial as práticas

utilizadas são, muitas vezes, baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons decifração e cópia. Tais maneiras fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento. Se fazer conhecidas ideias como a de Marília Ferreiro e sua prática construtivista de conhecimento entre os educadores, hoje, é de suma importância para quebrar o paradigma da educação mecânica e começarmos a voltar nossa prática pedagógica a uma educação consciente e libertadora, que realmente prepare os indivíduos para serem cidadãos ativos e políticos na sociedade. A pesquisa também vem enriquecer o campo acadêmico, pois se mostra importante para pesquisas realizadas por professores e estudantes que queiram abordar o assunto em estudos posteriores.

Objetiva-se com este trabalho realizar uma abordagem da história da alfabetização e os métodos utilizados e verificar quais as teorias que embasam as práticas de ensino na leitura e escrita pelos professores dos primeiros anos do ensino fundamental.

Assim, a presente pesquisa pode vir a auxiliar os educadores e estudantes que também estejam pesquisando sobre o tema e está dividida em dois capítulos: um falando a historicidade da alfabetização e seus métodos e o segundo discute sobre psicogênese da língua escrita, tendo um foco na maneira que a criança aprende.

2 OBJETIVOS

Geral:

-Analisar a importância da psicogênese da Língua Escrita no discurso das professoras no ciclo de alfabetização.

Específicos:

-Realizar uma abordagem da história da alfabetização e os métodos utilizados ao longo do tempo

-Mapear o conhecimento e a aplicação da Psicogênese da Língua Escrita nos discursos de professoras das escolas públicas do município de Coremas

-Avaliar, na visão das professoras, a importância das pesquisas de Emília Ferreiro no processo de alfabetização das crianças.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 - Alfabetização: uma questão de métodos

A alfabetização é um dos pilares fundamental ao longo da vida, para o desenvolvimento pleno das crianças. A alfabetização com qualidade é um direito de todas elas. Pessoas que têm um nível insuficiente de alfabetização ficam à margem da sociedade, possuem menos oportunidades, profissionais ou pessoais e não têm acesso aos seus direitos. O analfabetismo exclui uma parcela da população do acesso às informações mais básicas.

De acordo com MORAIS e ALBUQUERQUE,

Alfabetização-processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas –procedimentos habilidades -necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

A partir do que foi descrito acima, podemos considerar que a alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, a criança precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. Ao ingressar na escola, a criança depare-se com uma diversidade de objetos culturais com os quais, muitas vezes não está acostumado, pois fazem parte de práticas sociais diversas daquelas que o grupo familiar cultiva. É função de a escola promover situações de comunicação diferentes daquelas que ela habitualmente encontra.

Ampliar o universo cultural e letrado das crianças é dever de todo professor, pois é a partir da ampliação divisão de mundo que podemos imagina-los para que construam novas possibilidades de comunicação. “O objetivo da educação intelectual não é saber repetir verdades acabadas, é aprender por si próprio [...]” (Piaget, 1995, p. 69). É preciso, portanto, criar situação que propiciem o desenvolvimento das capacidades de falar, escutar, ler e escrever de acordo com os diferentes usos dos contextos.

De outra forma podemos encarar a alfabetização com uma construção de conceitos, não de uma única vez, mas de forma contínua, que acontece tanto dentro como fora da sala.

Neste contexto, a alfabetização é muito mais do que codificar e decodificar o código alfabético; alfabetizar é oferecer à criança a oportunidade de se expressar dando a oportunidade do mesmo construir o seu próprio conhecimento.

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia(FERNANDES, 2010, p.19).

Segundo Mortatti (2006), a história da alfabetização vem sendo descrita pela disputa entre os “métodos de alfabetização”. Novas propostas surgem tentando trazer explicações para o problema da dificuldade em aprender a ler e a escrever nas escolas públicas.

A dificuldade de nossas crianças para aprender a ler e escrever, principalmente na escola pública desde o final do Século XIX, provocou debates e reflexões na tentativa de explicar e resolver esses entraves. As práticas de leitura e de escrita ganharam mais forças no final desse século, principalmente a partir da Proclamação da República.

De acordo com Conceição (2011),

Até o final do império, as “aulas régias” ofereciam condições precárias de funcionamento e o ensino dependia muito do empenho dos professores e dos alunos. Para a iniciação do ensino da leitura eram utilizadas as chamadas “cartas de ABC” e os métodos de marcha sintética, ou método sintético (da “parte” para o “todo”); da soletração (silábico), partindo dos nomes das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Em 1876, em Portugal, foi publicada a Cartilha Maternal ou Arte da Leitura, escrita por João de Deus, um poeta português. O conteúdo dessa cartilha ficou conhecido como “método João de deus” e foi bastante difundido principalmente a partir do início da década de 1880. O “método João de deus”, também chamado de “método da palavração”, fundamentava-se nos princípios da linguística moderna da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos.

Ao fim do Império, o quadro geral do ensino era de poucas Instituições Escolares, com apenas alguns liceus províncias nas capitais, colégios privados bem instalados nas principais cidades, cursos normais em quantidade pouco satisfatória para as necessidades do país. Alguns cursos superiores quem garantiam o projeto de formação (médicos, advogados, de políticos e jornalistas). Identificando o grande abismo educacional entre a maioria da população brasileira que, quando muito, tinham uma casa e uma escola, com uma professora leiga para ensinar os pobres brasileiros excluídos do interesse do governo Imperial.

A partir da segunda metade da década de 1920, passa-se a utilizar métodos mistos ou ecléticos, chamados de analítico - sintético, ou vice-versa. Esses métodos se estendem até aproximadamente o final da década de 1970. Conceição (2011).

Já no início da década de 1980, foi introduzido no Brasil, o pensamento construtivista de alfabetização, fruto das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita. O Construtivismo não se constitui como um método, mas sim como uma desmetodização em que na verdade, propõe-se uma nova forma de ver a alfabetização, como um mecanismo processual e construtivo com etapas sucessivas e hipotéticas.

Nessa mesma época, foi constatado um número enorme de pessoas “alfabetizadas”, mas consideradas como analfabetos funcionais, que são as pessoas que decodificam os signos linguísticos, mas não conseguem compreender o que leram. Surge então o termo “letramento”. Estar letrado seria então, a capacidade de ler, escrever e fazer uso desses conhecimentos em situações reais do dia-a-dia. Alfabetizar letrando é de fundamental importância, pois garante uma aprendizagem muito mais significativa.

Diante desta historicidade e tendo a necessidade de saber como se processa a aprendizagem de leitura e escrita, surgiram métodos de alfabetização, que impõem regras que devem ser seguidas pela criança a ser alfabetizada: o método tradicional que incorpora o método sintético e analítico e por fim o método construtivista. Os métodos de alfabetização evoluem fazendo o avanço do conhecimento de acordo com as necessidades sociais, pois com a evolução da sociedade, cada vez mais vai se exigindo um tipo de letrado diferente.

O método tradicional é centrado no professor, que tem a função de apenas transmitir o conhecimento a criança. Esta metodologia tem a concepção de que a aula deve acontecer apenas dentro da sala, em que o professor ensina a matéria, passa os exercícios, e depois a corrige, seguindo com a matéria à frente, fazendo sempre a mesma coisa, tornando a aula mecanizada, dando a entender que a criança só irá aprender através do conhecimento do professor. Este tipo de aula faz com que a criança aprenda através de repetições de exercícios com exigência do uso da memória, levando a criança a decorar e não aprender, e como consequência a escola forma alunos desinteressados, desmotivado pelos estudos.

Sobre o método sintético que dava prioridade a leitura utilizando as “Cartas do ABC” e só depois se introduzia a cópia de documentos manuscritos, podemos destacar o que MORTATTI afirma:

[...] métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes as letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Quanto à escrita, esta se restringia

à caligrafia e ortografia, e seu ensino, a cópias, ditados e formação de frases, enfatizando o desenho correto das letras (MORTATTI, p. 2006, 4).

O método sintético, foca seu ensino em lê letra por letra, ou sílaba por sílaba, e palavra por palavra, acarretando em pausas durante a leitura, motivando o cansaço e prejudicando o ritmo e a compreensão da leitura.

A aprendizagem pelo método sintético é feita através da memorização e repetição que de certa forma acaba prejudicando o aluno, pois impede que ele consiga pensar e agir por si próprio, ou melhor, de produzir seus textos e seus conhecimentos através de sua imaginação, pois ele é alfabetizado por regras que devem ser seguidas passo-a-passo, traz um conhecimento pronto faltando apenas por em prática.

O método analítico tem por objetivo, fazer com que as crianças compreendam o sentido de um texto, não ensina a leitura através da silabação, incentiva as crianças a produção de textos prestando atenção ao uso da pontuação, estimula a leitura e deixa a criança à vontade para expor suas ideias. Este método ajuda a criança no desenvolvimento e organização de seus pensamentos. Os métodos analíticos, o processo é inverso, parte-se das unidades maiores da língua para as unidades menores, subdividindo-se em: método da palavração e método de sentencição. O método da palavração tem como unidade de análise a palavra e o método de sentencição tem como unidade principal a sentença.

Morais, Albuquerque e Leal (2008, p. 17) tratam desse método da seguinte forma:

“a criança é colocada diante de uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes, para construírem sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até a criança se tornar capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras/sons”.

Os seguidores do método começam a trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Neste caso, depois de reconhecidas em sua forma global, o professor começa a decompor as palavras e em seguida as sílabas.

O construtivismo, por sua vez, propõe que a criança participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. A partir de sua ação, vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo.

“O Construtivismo pode ser caracterizado como uma corrente de pensamento que ganhou espaço, especialmente no campo das teorias pedagógicas, inspirada na obra de Jean Piaget (1896-1930), biólogo suíço reconhecido por dedicar sua obra ao entendimento dos processos de aquisição do conhecimento humano ... A grande contribuição do Construtivismo, pautado na obra de Piaget e na aplicação

pedagógica das teorias construtivistas, em relação à educação é a de que a aprendizagem não acontece de forma passiva pelo aluno, cabendo ao professor a tarefa de criar possibilidades enquanto sujeito mediador da aprendizagem e promover situações problema que permitam o conflito e consequentemente avanço cognitivo de cada aluno na sua individualidade, promovendo o desenvolvimento das estruturas de pensamento, raciocínio lógico, julgamento e argumentação.” (PEREIRA, sd).

A teoria construtivista dá ênfase a importância do erro não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. “A teoria condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno”.

O construtivismo constitui-se num ideário epistemológico, psicológico e pedagógico, fortemente difundido no interior das práticas e reflexões educacionais [...] não podemos negar a existência dessa corrente, pelo simples fato do grande número de publicações de autores auto definidos como construtivistas (ROSSLER, 2000, p. 7). O construtivismo ganhou a adesão de muitos simpatizantes, que no nosso entender, perdura até os dias atuais entre os educadores. As disciplinas estão voltadas para a reflexão e autoavaliação, portanto a escola não é considerada rígida.

A aprendizagem da criança, inicia-se muito antes da aprendizagem escolar, a criança antes de entrar na escola já possui alguns conhecimentos como, por exemplo, a linguagem verbal. Através da memória o ser humano pode imaginar situações futuras e formar outras imagens a partir dela. Com isso, ação de criar deixa clara que o indivíduo pode e deve sempre estar criando algo novo a partir de seus conhecimentos pré-existentes, buscando através do imaginário e da fantasia, um equilíbrio, bem como a construção de algo novo. E é nisso que o método construtivista consiste em o aluno construir seu próprio conhecimento.

A teoria construtivista possui muitas vantagens, pois incentiva a criança a expressar o que sente, e a escrever e falar o que pensa, desperta a curiosidade e leva a criança a buscar soluções para resolução de seus problemas, tornando-o um aluno crítico e capaz de responder pelos seus atos.

3.2 – Psicogênese da Língua Escrita: focando em como a criança aprende

Por anos, a alfabetização foi conceituada apenas como um processo de aquisição do código escrito e das habilidades de leitura e escrita. Entretanto, com as pesquisas realizadas na área, a alfabetização passou a ser considerada como um processo de compreensão do meio social através do sistema notacional da língua e suas práticas sociais de leitura e escrita.

A psicogênese, na psicologia, trata de estudar a origem, o início dos processos mentais que irão gerar alterações comportamentais e a aquisição da leitura e da escrita é uma alteração mental na qual o indivíduo vai assimilando algo novo, algo que ele ainda não domina.

De acordo com SOUZA (2012),

O termo psicogênese é definido como um estudo das causas psíquicas susceptíveis de explicar uma neurose ou uma psicose. Já em outro dicionário, o dicionário Aulete, a palavra psicogênese é definida como o estudo da origem e desenvolvimento dos processos mentais ou psicológicos, da mente ou da personalidade.

A teoria da psicogênese da língua escrita, segundo Ferreiro e Teberosky, consiste em supor que é necessária uma série de processos de reflexão sobre a linguagem para passar a uma escrita; mas, por sua vez, a escrita constituída permite novos processos de reflexão que dificilmente teriam podido existir sem ela.

Emília Ferreiro veio transformar a ideia que muitos tinham sobre o processo de alfabetização, por meio de suas pesquisas e investigações, abordou o processo de aquisição da língua escrita na criança, sob a ótica dos estudos de Jean Piaget, resultando na obra intitulada “Psicogênese da Língua escrita” que foi referencial teórico para muitos estudos na década de 80. Na obra, a autora revela o modo com que a criança constrói diferentes hipóteses sobre o sistema de escrita, antes mesmo de chegar a compreender o sistema alfabético.

As descobertas de Emília Ferreiro ao longo de suas pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita se embasando nos conceitos de Piaget influenciaram muito no processo de alfabetização. Leão (2011) evidencia que:

A prática de ensino, desde então, por meio da palavra ‘construtivismo’, ganha uma nova roupagem, novo olhar, nova interpretação; pois o processo de aquisição da língua escrita, contrapondo-se ao ensino tradicional de antes, que buscava métodos de como ensinar que desconsideravam o conhecimento e a experiência de ‘mundo’ que a criança possuía (LEÃO, 2011, p. 21).

Dessa maneira, o construtivismo passa a ser visto como uma teoria fundamental da aprendizagem em que as crianças têm papel ativo no seu aprendizado, ou seja, elas constroem seu próprio conhecimento a partir da sua interação com a leitura e escrita, da valorização de seus conhecimentos prévios e da importância que exerce na obtenção de seu aprendizado.

Segundo Emília Ferreiro (1986), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, tanto na escola quanto fora dela. Nesse contexto, não é a escola quem provoca a aprendizagem, mas a própria mente da criança que aprende. Ferreiro não indagava como se devia ensinar a escrever, mas sim, como alguém aprende a ler e a escrever, independentemente da metodologia de ensino, ressaltando a importância do deslocamento da

ênfase do método em si mesmo para o educando e seu processo de construção do conhecimento.

Sua teoria deixa para trás paradigmas tradicionais de ensino que consistem em métodos pelo qual o professor transmite seus conhecimentos aos alunos. Porém, grande parte dos professores não está suficientemente informada para compreender certas dificuldades, os processos cognitivos e os níveis de desenvolvimento pelos quais a criança passa a ter contato com a leitura e com a escrita. Em virtude disso, práticas tradicionais de alfabetização ainda permeiam os processos educacionais, baseadas apenas na junção de sílabas, na memorização de sons, na incansável prática de fazer cópias, tornando a criança um indivíduo receptor e passivo que não participava de forma ativa e construtiva da aprendizagem.

Portanto, há um contraponto entre a teoria de Emília Ferreiro e as formas tradicionais de alfabetização, para Ferreiro (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passiva

A Teoria da Psicogênese diz que toda criança passa por níveis estruturais da linguagem escrita até que se aproprie de toda a complexidade do sistema alfabético. Estes estágios foram nomeados por (Ferreiro e Teberosky) como: o pré-silábico, o silábico, que se divide em silábico-alfabético e o alfabético.

Estes níveis são caracterizados por esquemas conceituais que não são simples reproduções das informações recebidas do meio, ao contrário, são processos construtivos onde a criança leva em conta parte da informação recebida e introduz sempre algo subjetivo. É importante salientar que a passagem de um nível para o outro é gradual e depende muito das intervenções feitas pela professora.

De acordo com a teoria da Psicogênese da língua e da escrita, toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada. São elas: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, a criança começa perceber que a escrita representa aquilo que é falado. Ela tenta se aventurar pela escrita e por meio da reprodução de rabiscos e desenhos. Ainda não consegue relacionar as letras, com os sons da língua falada.

Já no nível silábico a criança começa a perceber a correspondência entre as letras daquilo que é falado. Interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma, cada sílaba representa uma letra.

No silábico-alfabético a criança começa a compreender que as sílabas possuem mais que uma letra (fará a transição de ora utilizar uma letra para cada sílaba, ora reconhecer os demais fonemas das palavras e passar a empregá-los). Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;

No nível alfabético a criança já consegue reproduzir adequadamente todos os fonemas de uma palavra, caracterizando a escrita convencional. Domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica, de um modelo pronto e acabado, porém, de acordo com suas experiências com crianças, Ferreiro (1999, p.44-7), esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial.

Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social;

Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;

Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;

Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;

Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreendera a relação entre a escrita e a linguagem.

Não se pode imediatamente, ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica.

Entretanto no processo de alfabetização inicial, nem sempre esses critérios são utilizados. Sabemos que os professores ensinam da mesma maneira como aprenderam quando eram alunos, e não aceitam os erros que seus alunos cometem.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

A autora defende que, de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar ressalta ainda que: Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola,

mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

A pesquisadora, assumindo ser dedicada fundamentalmente a tentar compreender o desenvolvimento das conceitualizações infantis sobre a língua escrita, afirmam que através dos resultados obtidos uma conclusão deve ser considerada as crianças são facilmente alfabetizáveis foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas. (Ferreiro, 1999, p.17).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho será desenvolvido por meio de uma pesquisa que objetiva discutir algumas propostas metodológicas relativas às contribuições de Emília Ferreiro no que tange ao processo de alfabetização enquanto ferramenta pedagógicas que auxiliam no processo de Ensino. Optamos pelo tema acima descrito motivados pela preocupação de entender melhor como os professores utilizam o método estudado em sua prática pedagógica.

Optamos pelo método qualitativo de pesquisa, sendo assim, cabe ressaltar, segundo (MARTINS, 2001), que o interesse da pesquisa bibliográfica é o de esclarecer e explanar a respeito de um tema que se tenha como base referencial, teóricos publicados em livros, revistas, periódicos entre outros, pois consideramos este o mais adequado para os propósitos de investigativos que ora nos movem, aja vista que faremos a parte da coleta de dados através da elaboração e aplicação de um questionário semiestruturado, composto por questões objetivas, para ser aplicado com professores das primeiras séries do ensino fundamental I, 1º e 2º ano, mais especificamente de algumas escolas municipais da cidade de Coremas.

Os questionários foram aplicados em duas escolas da cidade de Coremas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Conego Bernardo e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Logradouro (na zona rural e comunidade Quilombola), por oferecerem as primeiras séries do ensino fundamental, área primordial para o desenvolvimento da pesquisa. Foi feita em cada escola uma pequena explanação sobre o que se tratava a pesquisa em si, e as professoras levaram os questionários para casa para responderem com mais calma. No dia seguinte recebi os questionários respondidos para realizar as devidas análises. Um total de 05 professoras das duas instituições participaram da pesquisa, não mais pelo fato de somente estas lecionarem nos primeiros anos do fundamental.

Para a revisão bibliográfica, será realizada uma busca sistemática na literatura com base nos dados Eletrônicos do Google acadêmico, SciELO, coletados em 2019, na qual utilizaremos artigos científicos.

Com o objetivo de compreender de forma adequada a literatura encontrada, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Onde os critérios de inclusão foram: estudos que abordassem o tema com relevância, artigos de periódicos nacionais publicados entre os períodos de 2010 a 2019. Como critérios de exclusão: artigos e livros não relacionados ao tema e que não fossem de periódico nacionais.

5. ANÁLISE DE DADOS

Na busca de analisar a importância das pesquisas de Emília Ferreira no processo de alfabetização das crianças, desenvolvemos uma pesquisa com educadoras do 1º e 2º ano do ensino fundamental, com questões pré-estabelecidas para obter respostas para as possíveis análises do discurso dos mesmos quanto ao tema proposto. Contamos com a participação de 05 professores.

5.1 - Perfil das professoras alfabetizadoras

Visitamos a escola e conversamos com os professores para responderem os questionários; contamos com a participação de 05 professores que responderam as questões 1, 2 e 3, obtendo as seguintes respostas:

	Prof 1	Prof 2	Prof 3	Prof 4	Prof 5
Questão 1	21 anos	21 anos	21 anos	19 anos	24 anos
Questão 2	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
Questão 3	2º	2º	2º	1º	1º

Podemos destacar a partir das respostas dadas pelos professores que todos possuem uma vasta experiência com educação, principalmente com séries iniciais, uma vez que todas possuem formação em pedagogia, área que trabalha muito bem as séries iniciais e a formação da criança.

5.2 - Conhecimento da Psicogênese da Língua Escrita e aplicação na prática pedagógica.

Foi questionado aos professores se eles conheciam a psicogênese da língua e, todos, por unanimidade responderam positivamente o conhecimento deste método. Neste sentido, os professores que conhecerem este método, são mais propícios a valorizar as construções espontâneas das crianças e trabalharem pedagogicamente a partir dessas construções.

Sobre esta questão de conhecimento da psicogênese da Língua escrita, (FERREIRO, 1995, p.32.), destaca:

O conhecimento da evolução psicológica do sistema de escrita por parte dos professores, psicólogos e avaliadores é imensurável para avaliar os progressos das crianças, e mais importante ainda, para “ver” sinais da alfabetização ainda não observados.

Outra questão abordada no questionamento feito aos professores foi com relação a aplicação da psicogênese da língua escrita em sua prática pedagógica e obtivemos as seguintes colocações:

“Aplico ela de forma efetiva sendo que a mesma me leva a compreender como as crianças constroem o seu conhecimento sobre a escrita”. (Professor 1);

“Aplico ela de uma forma contínua, onde os alunos possam compreender a maneira de construir o seu conhecimento sobre a escrita”. (Professor 2);

“A psicogênese da língua é uma origem da escrita construída pela criança, onde permite que a criança seja um sujeito ativo, capaz de construir seu próprio conhecimento, mediante a interação com o meio no qual se encontra. Desta forma a psicogênese é aplicada na prática pedagógica, quando partimos do conhecimento que a criança desenvolve seu conhecimento da leitura na educação familiar. No cotidiano escolar busco sempre ensinar as crianças, partindo de algo que elas já conheçam. Por exemplo, uma cantiga de roda e através dela explorar as letras, sílabas, palavras e leituras, fazendo uso de material concreto como alfabeto móvel, ilustrações enfatizando sempre o conhecimento da própria criança”. (Professor 3);

“Eu trabalho essa prática pedagógica, levando em conta todo o conhecimento que a criança traz bem antes de ser alfabetizada. Então para trabalhar a leitura, uso versos infantis, letras móveis, cantigas de roda, nomes de animais, rótulos e nomes dos alunos. Todas essas atividades servem para da modalidade a escrita da criança que está em construção. Esses conhecimentos são fundamentais na alfabetização construtiva, porque estão presentes na vida das crianças e fazem sentidos para elas”. (Professor 4);

“É aplicado de forma que respeite o conhecimento das crianças, organizando seus conhecimentos e dando oportunidade de aprender e compreender o certo”.(Professor 5)

Segundo Emília Ferreiro, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, na escola ou fora dela. No processo de aprendizagem a criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico. O tempo para a criança transpor cada uma das etapas é bem variado. Duas consequências importantes a ser respeitada em sala de aula é respeitar a evolução de cada criança e compreender que o desempenho mais vagaroso não significa que a mesma seja menos inteligente. A aprendizagem não é provocada pela escola, mas pela própria mente das crianças, elas chegam a seu primeiro dia de aula com conhecimento.

Emília Ferreira nos proporciona a oportunidade de elaborarmos aulas e atividades a partir do que sabemos sobre como as crianças estão aprendendo. Assim, uso o diagnóstico de escrita para saber o que aquela criança já sabe e o que, conseqüentemente, deve fazer para que ela descubra novos conhecimentos, que a façam refletir sobre como a escrita é construída.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”. Para concluir este pensamento, é importante frisar que as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, por trazerem do seio familiar e da sociedade, já algum conhecimento, como destaca uma das professoras em sua resposta.

Foi questionado aos professores de que forma o diagnóstico dos alunos é feito, com base na aplicabilidade da Psicogênese da Língua Escrita e obtivemos as seguintes resultados:

“Levo em Consideração o histórico familiar, o comportamento da criança e as especificidades de cada. Verificando o que as mesmas já sabem o que não sabem ainda e o que posso fazer para que eles avancem e aprendam mais no que diz respeito à escrita”. (Professor 1);

“Observo o conhecimento prévio de cada aluno, para saber como devo aplicá-lo de maneira a suprir as necessidades dos mesmos”. (professor 2);

“O diagnóstico é feito contínuo, observando o que a criança já sabe e o que ainda não sabe, assim planejo atividades de leituras e escritas de acordo com a necessidade de cada um”. (Professor 3);

“Podemos fazer um diagnóstico através de ditado de palavras escritas, depois fazer uma avaliação dessas palavras para saber como está a escrita do aluno. Também, e

com essas avaliações podemos descobrir se a criança está tendo uma boa aprendizagem na leitura e na escrita. Esse diagnóstico é fundamental para o desenvolvimento dos próprios alunos”. (Professor 4);

“É feita de forma continua avaliando seu contexto familiar e seu desempenho na escuta.” (Professor 5);

Nota-se que o convívio familiar é um fator determinante para que o diagnóstico das crianças seja feita, como mostra a resposta das professoras 1, 2 e 5. Os professores reconhece a importância das postulações de Ferreiro para o entendimento da criança como um sujeito que sabe, isto é, que constrói ativamente seus conhecimentos sobre a escrita.

A alfabetização não é uma questão de sondar as letras, repetindo-se mais e mais as mesmas cadeias de letras numa página, ou aplicando testes de leitura para assegurar-se de que a alfabetização comece com todas as garantias de sucesso. Com esse entendimento, os professores começam a pensar de outra maneira e respondem de maneira diferente às respostas das crianças, às questões das crianças, às interações das crianças e às produções das crianças. Os professores passam a descobrir que as crianças são tão inteligentes, ativas e criativas no campo da escrita/leitura quanto na matemática. (FERREIRO, 1995, p. 33).

É imprescindível valorizar o conhecimento da criança, independentemente do nível de escrita que ele se encontra, compreendendo o saber da criança naquele momento e motivando-a a aprender ainda mais, através de atividades dirigidas e produções voltadas à necessidade naquele período de evolução da escrita.

Faz-se necessário que o educador possibilite a construção de um vínculo afetivo com as crianças para que possa existir um clima de confiança, cooperação e parceria que favoreça a aprendizagem de forma significativa e segura, principalmente nesta fase de alfabetização. Para que isso ocorra, a criança precisa se sentir acolhida para avançar em seu processo de leitura e escrita.

5.3 - Importância da Psicogênese da Língua Escrita na prática docente

Ferreiro afirma que “nenhuma pratica pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (2000, p.31). O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (Ferreiro, 2000, p.61).

Um ponto analisado na pesquisa foi na questão de até que ponto a Psicogênese da Língua tem ajudado o professor na alfabetização das crianças, tendo resultado positivos, como podemos observar a seguir:

“Bastante, por através dela tendo entendimento de que a criança é um sujeito que constrói de maneira ativa seus conhecimentos sobre a escrita”.(Professor 1);
 “Ajuda a entender que cada criança tem sua maneira e tempo de construir seu próprio conhecimento”. (Professor 2);
 “A psicogênese tem me ajudado na alfabetização das crianças, de uma forma eficiente e produtiva. Como educadora procuro fazer sempre oferecer aos alunos oportunidades de acesso a muitos tipos de material escrito, como textos de diversos gêneros textuais”. (Professor 3);
 “Ajuda pelo fato de que através do conhecimento da psicogênese entendo que cada criança tem seu tempo e suas maneiras de aprender”. (Professor 5);

Neste cenário, muito a psicogênese tem ajudado aos professores no que diz respeito a alfabetização das crianças, pois as mesmas colocaram que é através dela que entendem o universo de construção do conhecimento, tendo um tempo para assimilação do saber.

“Está sendo muito gratificante aplicar essa prática pedagógica na aprendizagem dos meus alunos, levando em conta a conclusão de Emília Ferreiro e Piaget, que a criança tem um papel ativo no aprendizado”.(Professora 4);

Com isso, a Psicogênese da Língua Escrita apresenta um suporte teórico construtivista, no qual o conhecimento aparece como algo a ser produzido pelo indivíduo, que passa a ser visto como sujeito e não como objeto do processo de aprendizagem.

Por outro lado, Ferreiro (2011) revela que o conceito de alfabetização não é estático, mas sim uma construção histórica que muda de acordo com as exigências sociais e com as tecnologias de produção de texto.

Neste tocante de a Psicogênese da Língua ser um meio facilitador do aprendizado das crianças, 100% dos professores consideram muito significantes, tendo em vista que estes se apoiam na psicogênese para delimitarem sua metodologia e assim estabelecer critérios que facilitem o aprendizado das crianças na fase inicial da vida. Pois nesta fase a criança esta mais propensa a assimilar o máximo de informações possíveis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conhecimento por parte da criança merece atenção, pois deve acontecer de forma gradual, pois nessa construção há superação de etapas. Nesse sentido, os erros cometidos pela criança devem ser considerados aspectos de grande valor, porque é a partir dos erros que se pode evidenciar o que a ela “releu” e/ou como aprendeu o que lhe foi ensinado.

Verificamos, por meio da discussão do processo de alfabetização com enfoque em Emília Ferreiro e no construtivismo, a necessidade da efetivação de um ensino de qualidade no que se diz respeito ao olhar diferenciado sobre o sujeito que aprende.

Ao desenvolver este tema podemos considerar o quão é importante para a alfabetização das crianças tem a psicogênese da língua, por ter métodos inovadores. Notamos, assim, que a Psicogênese da Língua escrita de Emília Ferreiro abre espaços para uma gama de possibilidades, tais como: a valorização dos conhecimentos que os alunos apresentam ao chegarem à instituição ensino; o respeito com as individualidades adquiridas pelas crianças; identificar por meio das práticas pedagógicas e metodológicas os meios de adaptar recursos de ensino e de recomeçar com o aprendiz, quando necessário.

Segundo FERREIRO “não é o professor que ensina o aluno a ler, mas sim que o próprio aluno antes de adentrar a classe de alfabetização, já inicia um processo de leitura. Nesse sentido uma vez que o aluno já traz para a sala de aula sua maneira de ler o mundo e representa-lo”. A teoria desenvolvida por Emília Ferreiro Contribui no sentido de buscar alterar as praticas alfabetizadoras ate então deslocadas da criança passando a considera-la o centro de todo o processo educativo. Com isso modifica-se também o olhar sobre o contexto social da criança, sua linguagem e suas maneiras próprias de intervir sobre a língua materna.

Por fim, muito há de se pesquisar sobre o tema, além de questionários com professores, a observação propriamente dita em sala de aula com as turmas onde a teoria pode ser desenvolvida, seria de grande importância para analisar a teoria com a prática. Outro ponto que pode ser levado em consideração é o contato também com coordenação para coletar suas considerações a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. v.2.

_____; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1985.

_____. **Conheça os níveis de alfabetização**. 2017. Disponível em: <<https://www.redecaminhodosaber.com.br/blog/conheca-os-niveis-de-alfabetizacao/>>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FERREIRO, Emília. **Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese**. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). *Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.22-35.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

LEÃO, Deusmaura Vieira. **Aquisição da Língua Escrita: efeitos de significantes**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

MORTATTI, M.R.L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, p.1-16, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/39256026/ALFABETIZACAOapropriacaodo-sistema-de-escrita-alfabetica>>. Acesso em 02 de dezembro de 2019.

PEREIRA, Lucila Conceição. **Construtivismo**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/educacao/construtivismo/>>. Acesso em 02 de dezembro de 2019.

"Construtivismo - Linha Construtivista" em Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2019. Consultado em 03/12/2019 às 19:17. Disponível na Internet em <http://www.pedagogia.com.br/conteudos/construtivista.php>

ROSSLER, João Henrique. **Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista**. In: DUARTE, N. (org.). *Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. cap. 1, p. 3-22.